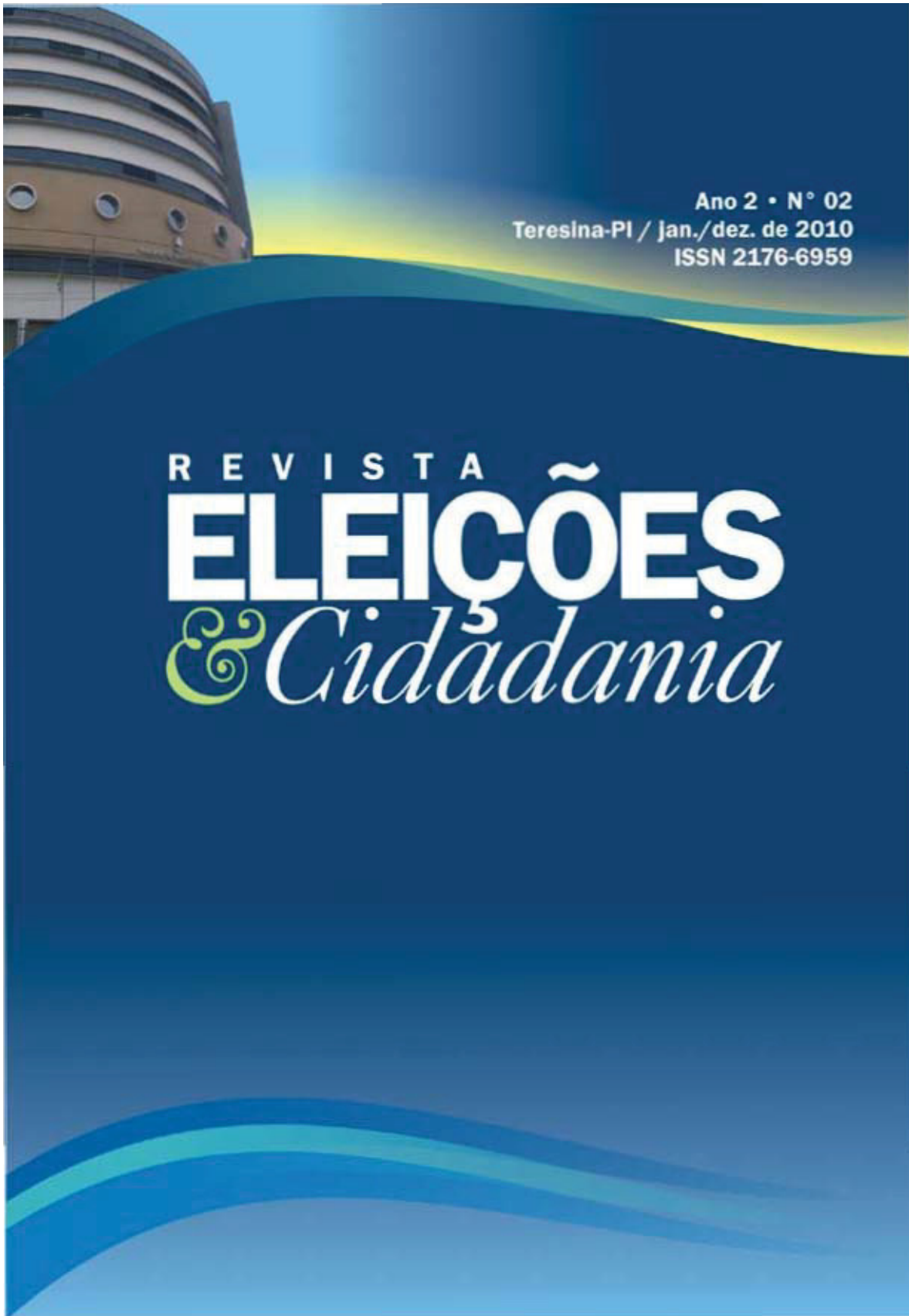




Ano 2 • N° 02
Teresina-PI / Jan./dez. de 2010
ISSN 2176-6959

REVISTA
ELEIÇÕES
& *Cidadania*

A REAVALIAÇÃO DA PRÁTICA DOS TRIBUNAIS ELEITORAIS QUANDO DO EXERCÍCIO DO JUÍZO DE ADMISSIBILIDADE DO RECURSO ESPECIAL

Raimundo Eufrásio Alves Filho*

RESUMO: O recurso especial, além da proteção direta de um suposto direito do interessado, visa, sobretudo, manter hígida a própria ordem jurídica; razão porque não pode, a todo custo, ser impedido de subir à instância competente para o seu conhecimento e julgamento. A tarefa do tribunal local, quando diante de um recurso especial, está vinculada ao exame dos seus requisitos de admissibilidade, não devendo, portanto, analisar a questão de mérito, matéria de competência dos Tribunais Superiores. Nesse contexto, a arguição de relevância surge como uma alternativa de controle de interposição dos recursos dirigidos às cortes superiores, sem sacrifício a clássicos e intangíveis conceitos da teoria geral do direito.

PALAVRAS-CHAVES: Recurso especial. Juízo de admissibilidade. Arguição de relevância.

O Processo Civil Como Instrumento Indispensável na Prestação do Serviço Público de Justiça

Sabemos que o grande **desafio do processo civil** neste **novo milênio** é, sem a menor dúvida, **tornar-se instrumento indispensável** na **prestação do serviço público de justiça**, serviço este que **deverá vir** marcado principalmente pela **efetividade**. Disso todos **já sabemos**, até porque **já se transformou** em **verdadeiro mantra**, **anunciado** e **propalado em todo** e qualquer **debate** ou **evento** que **envolva sugestões** para **tirar o sistema de justiça**, como um todo, da **desfuncionalidade** e **ineficiência** que lhe atribuem secularmente.

* Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Piauí (biênio 2009-2011); Desembargador do Tribunal de Justiça; Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Piauí.

SUGESTÕES

- **Despojar o Processo Civil de formalidades desnecessárias.**
- **Reduzi-lo à observância das fórmulas indispensáveis a garantir a defesa dos interesses e direitos em jogo e assegurar a justiça das decisões.**

Dentre as **sugestões mais ouvidas** e decantadas por **aqueles** que se **debruçam sobre o assunto**, o **despojamento do processo civil** de todas as **formalidades desnecessárias** é o que **mais tem recebido adesão**, justamente por **reduzi-lo à observância apenas das fórmulas que se fizerem indispensáveis a garantir a defesa dos interesses e direitos** que estejam **em jogo** e **assegurar a justiça das decisões**, a **fim** de que possam ter **adequada eficácia**, relativamente às **partes** e aos **terceiros** que, de algum modo, restem **submetidos** aos **efeitos** da **coisa julgada**.

PREVISÃO LEGAL

Art. 224 do CPC, verbis:

- “Quando a Lei prescrever determinada forma, sem cominação de nulidade, o Juiz considerará válido o ato se, realizado de outro modo, lhe alcançar a finalidade.”

Neste ponto, **saudável** e **merecidamente aplaudida** a **introdução** da **norma** contida no **art. 224 do Código de Processo Civil**, ao **dispor** que, “quando a lei prescrever determinada forma, sem cominação de nulidade, o juiz considerará válido o ato se, realizado de outro modo, lhe alcançar a finalidade”. Aí está, de forma eloquentemente resumida, a **intenção do legislador processual de desprezar as formalidades consideradas inúteis**, como **vem acontecendo**, na prática, e **espero** que **continue** sempre a **ocorrer**.

Confesso, e entusiasticamente, que **referida medida constitui pequeno passo na direção de um sistema processual brasileiro mais enxuto, ágil e tempestivo**, mas **não podemos**, jamais, **imprimir a essa tendência** extensão demasiada e **sem limites**.

A minha preocupação, no entanto, reside na **possibilidade** de se **englobar** nesse comportamento o **desprezo** e a **negação a institutos** e **postula-**

dos clássicos da ciência jurídica, apenas para fazer face a necessidades de ordem eminentemente prática, porque **assim está a exigir o sistema de justiça como um todo.**

O Processamento e o Julgamento dos Recursos Especiais Juízo de Admissibilidade e Mérito Recursal

Quando de **minha atuação na Justiça Comum**, já **estranhava** os procedimentos de **processamento e julgamento dos recursos especiais**, quando eram **confundidos, por** puro **comodismo** ou **falta de conhecimento técnico, o juízo de admissibilidade com o mérito recursal**, especialmente **quando estes eram aviados com fundamento no art. 105, III, “a”, da Constituição Federal**. Somente para **relembrar**, declinemos a sua redação, *in verbis*:

- Art. 105. Compete ao Superior Tribunal de Justiça:

(...)

III - julgar, em recurso especial, as causas decididas, em única ou última instância, pelos Tribunais Regionais Federais ou pelos tribunais dos Estados, do Distrito Federal e Territórios, quando a decisão recorrida:

a) contrariar tratado ou lei federal, ou negar-lhes vigência.

Como facilmente se compreende, **a instância competente**, não somente **para julgar os recursos especiais**, como **também para exercer o juízo de admissibilidade**, é o **Colendo Superior Tribunal de Justiça-STJ**, sem margem a qualquer **outra interpretação**, seja restritiva ou ampliativa.

O Juízo Provisório de Admissibilidade e a Análise do Mérito Recursal pelo Tribunal Local

No entanto, o que **presenciei** foi **escancarado e injustificado afastamento dessa regra constitucional**, uma vez que o **Tribunal local, extrapolando suas competências e atribuições, além de exercer o permitido juízo provisório de admissibilidade** (veja-se, juízo provisório de admissibilidade), ainda **adentra na análise do mérito recursal**, e aí o **resultado prático** é que, **dificilmente, um recurso especial chegaria à instância superior competente para o seu conhecimento e julgamento.**

Senhores Presidentes, como todos já perceberam, **não estou a tratar de assunto novo ou inédito**, mas, pelo contrário, **já foi alvo de acirrados debates doutrinários e jurisprudenciais**, com ilustres adeptos cerrando fileiras dos dois lados. Por isso, a **minha única pretensão é reacender discussão em torno de tema que inquieta a tantos que primam pela exaçação no cumprimento das técnicas que nos são oferecidas pela nossa ciência jurídica**, especialmente **agora que estamos em tempos** em que as **palavras de ordem apontam para a reforma da legislação processual comum e eleitoral**.

A Posição Jurisprudencial que Diz não Haver Usurpação de Competência por Parte dos Tribunais Locais

Assim é que, para **aqueles que não vislumbram qualquer irregularidade nessa forma de proceder dos tribunais locais**, **apegam-se invariavelmente em construção jurisprudencial do Superior Tribunal de Justiça-STJ**, na qual se afirma **não existir usurpação de competência por parte dos tribunais locais ao negarem seguimento ao recurso especial**, sob o fundamento de **que não houve violação à lei federal**. A **síntese de tal entendimento**, colhida a partir de reiterados julgados, **é a seguinte, *verbis*:**

Não há se falar em usurpação de competência quando o juízo monocrático de admissibilidade adentra no mérito do recurso especial, uma vez que o tribunal de origem, ao não acolher o apelo extremo pela alínea “a”, em face dos pressupostos constitucionais (art. 105, III, “a”, da CF), deve verificar se o acórdão contrariou ou negou vigência a dispositivo de lei federal, o que corresponde, na realidade, à análise do próprio mérito da controvérsia.

Como **forma de demonstrar a profundidade e importância da questão ora versada**, o eminente **Min. NILSON NAVES**, no julgamento do **REsp 45.672-0**, chegou a enfrentar, inclusive, as sempre **magistrais ponderações doutrinárias feitas pelo Professor José Carlos Barbosa Moreira**, nos seguintes termos:

Reconheço a autoridade de José Carlos Barbosa Moreira, em lição magistral e tão fascinante, mas, é bom que se sublinhe, no julgamento do recurso dito extraordinário, não é essa a técnica seguida por este Tribunal, nem pelo STF, de há muitos anos. Aliás, se acolhida a lição do mestre, o recurso extraordinário em

gênero, de que são espécies o recurso extraordinário (matéria constitucional) e o recurso especial (matéria infraconstitucional), transformar-se-ia em recurso ordinário, simplesmente. O STJ não daria conta dos processos (aliás, já não vem dando conta!!), tal a facilidade para a interposição do especial. Em consequência, o recurso perderia a nobreza e o motivo de sua criação. Enfim, o tribunal deixaria de cumprir sua missão constitucional (a de guarda das leis e dos tratados federais, a de manter a sua supremacia, o seu primado ou a sua unidade, ou a de assegurar por esta Federação afora a inteireza positiva, a validade, a autoridade e a uniformidade de interpretação das leis federais) e estaríamos precisando talvez de um Superior em cada Estado-membro e, depois e acima deles, de um outro tribunal.

Como se vê, o **Superior Tribunal de Justiça não faz** a devida **distinção** entre **juízo de mérito** e de **admissibilidade**, o que, na prática, **poderá conduzir à absurda conclusão de que o recurso**, sendo **conhecido**, necessariamente **é provido**, quando todos nós sabemos que, por ser lição comezinha, a **matéria referente** à sua **admissibilidade**, por ser preliminar, **não pode condicionar o teor do julgamento do mérito do recurso**.

Em assim persistindo, **tal prática vai de encontro a regras e princípios clássicos da teoria geral dos recursos**, recebendo, por isso mesmo, as mais **acerbas e justas críticas** por parte da quase unânime doutrina pátria.

Distinção entre Juízo de Mérito e de Admissibilidade

O que aprendemos é que, no **julgamento de todo e qualquer recurso**, inicialmente **serão analisados** os **requisitos de admissibilidade** e, acaso sejam **positivos**, **passa-se à apreciação** de seu **mérito**.

Os **requisitos de admissibilidade**, por serem **matéria de ordem pública**, **podem ser conhecidos**, de ofício, em **qualquer tempo e grau de jurisdição** (art. 267, § 3º, do CPC), e, nos casos em que o **recurso é apreciado por instância recursal distinta**, o **juízo de admissibilidade** é feito em **duplicidade**, ou seja, **perante o juízo no qual o recurso foi interposto** e também **perante o juízo competente para julgá-lo**.

E mais: o **juízo de admissibilidade exercido pelo órgão prolator da decisão recorrida**, no entanto, **não é definitivo** e, se **negativo**, **comportará sempre recurso para o órgão competente ad quem**, haja vista que a este cabe proferir a decisão definitiva acerca da admissibilidade do recurso, sob pena de **usurpação de competência**.

Estando **presentes** todos os **requisitos de admissibilidade** e **observadas** as **peculiaridades de cada espécie recursal**, o órgão *ad quem* **deverá adentrar na análise do mérito do recurso**, dando-lhe ou negando-lhe provimento.

Estes são, em linhas gerais, os **lineamentos** que devem **nortear o intérprete e aplicador do direito** quando **diante** da interposição de um **recurso especial**, **devendo**, por isso mesmo, empreender a **indispensável distinção entre juízo de mérito e de admissibilidade**.

É de capital importância, pois, **saber se o tribunal “não conheceu” do recurso ou negou-lhe provimento**, principalmente para **fins** de se **fixar o exato momento do trânsito em julgado da decisão recorrida** com as **consequências daí advindas**, como a **contagem do prazo para a propositura da ação rescisória**, bem como **para a delimitação da competência para julgar a ação a ser ajuizada**.

Observe a dicção do art. 542, § 1º, do Código de Processo Civil, *verbo ad verbum*:

- Art. 542. Recebida a petição pela secretaria do tribunal, será intimado o recorrido, abrindo-se-lhe vista, para apresentar contrarrazões (Redação dada pela Lei nº 10.352, de 26.12.2001).

§ 1º Findo esse prazo, serão os autos conclusos para admissão ou não do recurso, no prazo de 15 (quinze) dias, em decisão fundamentada (Incluído pela Lei nº 8.950, de 13.12.1994).

Não é necessário muito esforço para se descortinar que a **tarefa do tribunal local**, quando **diante de um recurso especial**, está inexoravelmente **vinculada ao exame dos seus requisitos de admissibilidade**, e isso **decorre**, não somente dessa expressa **menção normativa**, mas de **questões da mais pura lógica**, uma vez que o **tribunal a quo** acabara de **proferir acórdão** negando o **pleito** daquele que interpõe o **apelo extraordinário**.

Isenção e Imparcialidade do Tribunal A Quo para Analisar o Mérito do Recurso Interposto

Notório e incontroverso, pois, que **tal tribunal não dispõe da necessária isenção e imparcialidade para analisar a questão de mérito do novo recurso interposto** e dizer se o **acórdão proferido contraria ou não a legislação federal**.

A verdade é que o **juízo de admissibilidade exercido pelo tribunal local é sempre provisório**, funcionando como uma espécie de **filtro para evitar a subida de recursos** que **não demonstrem** a mínima **viabilidade** de **alterar a situação jurídica** de seu autor, **servindo apenas como instrumento para protelar o desfecho do curso do processo**.

Assim, **diante dessa constatação** de que o **juízo de admissibilidade do tribunal local é sempre provisório**, a ilação que se faz, em **sendo o mesmo positivo**, é que **nada poderá impedir o STJ de exercer um novo juízo de admissibilidade**, até porque **este é o tribunal competente para julgar tal recurso** e, por essa razão, deve reavaliar as questões relativas à sua admissibilidade.

Descabe ao Tribunal Local Empreender Qualquer Juízo ou Pronunciamento Acerca do Acerto da Decisão Atacada

Traga-se a contexto, nesse ponto, a **lição** do preclaro **Barbosa Moreira**: “**Não compete ao presidente ou ao vice-presidente examinar o mérito do recurso extraordinário ou especial, nem lhe é lícito indeferir-lo por entender que o recorrente não tem razão: estaria, ao fazê-lo, usurpando a competência do STF ou do STJ**”.

Dúvida nenhuma resta, pois, que **descabe ao tribunal local empreender qualquer juízo ou pronunciamento acerca do acerto da decisão atacada**, sob **pena de inadmissível usurpação de competência do tribunal superior**. O **acerto da decisão colegiada**, quando **fazemos a necessária e obrigatória distinção**, **não integra** nem de longe o **juízo de admissibilidade**, já que é **matéria que se devolve à Corte Superior**, por **força até de previsão constitucional**.

A Análise da Efetiva Negativa de Vigência da Lei Federal Constitui Mérito do Recurso Especial

De fato, a **análise da efetiva negativa de vigência da lei federal constitui mérito do recurso especial**, cuja **competência para decidir cabe única e exclusivamente ao órgão constitucionalmente instituído** para tanto: o **Colendo Superior Tribunal de Justiça**.

Detendo-se sobre a confusão que se faz em torno da matéria, **assim** preleciona **Nelson Luiz Pinto**:

Com efeito, procedendo da forma como vem fazendo, está o STJ dando péssimo exemplo aos presidentes e vice-presidentes dos tribunais estaduais, encarregados de exercer o primeiro juízo de admissibilidade do recurso especial. Se esse procedimento ainda se justifica no próprio STJ, que tem também competência para o exame do mérito do recurso especial, o mesmo não ocorre e não se justifica, em hipótese alguma, sendo até mesmo inconstitucional, se adotado nos tribunais a quo, a quem a lei confere competência exclusiva para o juízo de admissibilidade do recurso.

Pela sua autoridade, oportuno que **se recorra** novamente ao escólio de **Barbosa Moreira**, quando faz ressaltar que as diferentes hipóteses de “**cabimento dos recursos especial e extraordinário**” não podem comportar “**significados distintos para a expressão “não conhecer”, ou, em outras palavras, “não conhecer do recurso especial interposto pela letra “a” não pode, em absoluto, significar coisa diferente de “não conhecer do recurso especial” interposto pela letra “c” do dispositivo constitucional. Em direito, como em toda a ciência, as denominações têm de ser unívocas**”.

Em judicioso artigo publicado na *Revista CEJ*, Brasília Ano XIII, n. 45, p. 77/85, junho 2009, o Min. Luis Felipe Salomão, do Superior Tribunal de Justiça deixa antever que tal **posição defensiva** daquele Tribunal Superior já começa a ceder passo a um novo entendimento, invocando, para tanto, a **lição** do atualíssimo **DWORKIN**, cujas passagens **mais agudas transcrevo, in litteris**:

(...) o renomado professor, em sua tese de examinar o “direito” como unidade, propõe ao juiz trabalhar com um sistema jurídico integrado de regras e princípios, no qual se pode extrair, sempre, as melhores soluções para os hard cases.

Utilizando-se do juiz imaginário, Hércules, compara o trabalho do magistrado ao de um romancista que participa de uma obra coletiva, que, ao redigir o seu capítulo, não pode desconsiderar o que já estava escrito. Afirma que assim também o juiz deve considerar o “sistema” de direito, interpretando-o com justiça e equidade, de modo a extrair a melhor interpretação para o caso concreto. Essa interpretação deve ser global, deve ir das regras e dos dispositivos constitucionais mais fundamentais aos detalhes do direito privado. A melhor interpretação é aquela que faz dessa estrutura complexa a melhor estrutura política, e das decisões e leis passadas, o melhor resultado possível.

Ao interpretar as palavras do renomado mestre, o **eminente Ministro assegura** que o **juiz não deve ser neutro nos julgamentos**, porém **não deve considerar standards elaborados previamente**, de acordo com a equidade, **para afastar**, quanto possível, **suas convicções pessoais**.

Trata-se, sem a menor dúvida, de **visão que desconstrói a teoria positivista**, para **permitir** ao **julgador**, na **ausência de regra** visando à **solução da questão**, valer-se do próprio sistema para solucioná-la, **mantendo-lhe** a integridade dos “**princípios fundamentais**”.

Tal assertiva, do ângulo que se pretender considerar, **vem ao encontro da necessidade de se repensar a orientação jurisprudencial** do **Superior Tribunal de Justiça**, já que **vulnera**, abertamente, tanto **regras jurídicas** como **princípios fundamentais**, tudo mascarado com um pragmatismo de todo insustentável.

Em **remate**, **traz à lembrança** a peremptória **advertência** de **Barbosa Moreira**:

O que se espera da lei e de seus aplicadores é um tratamento cuidadoso da matéria, que não imponha sacrifício excessivo a um dos valores em jogo, em homenagem ao outro. Para usar palavras mais claras: negar conhecimento a recurso é atitude correta e é altamente recomendável, toda vez que esteja clara a ausência de qualquer dos requisitos de admissibilidade. Não devem os tribunais, contudo, exagerar na dose; por exemplo, arvorando motivos de não conhecimento circunstância de que o texto legal não cogita, nem mesmo implicitamente, agravando sem razão consistente exigências por ele feitas, ou apressando-se a interpretar em desfavor do recorrente dúvidas suscetíveis de suprimimento.

A Realidade da Justiça Eleitoral Quando Diante do Recurso Especial com Base no Art. 276, I, do Código Eleitoral

Contudo, **quando** tal realidade é transposta para o âmbito da **Justiça Eleitoral**, aí é que **percebemos** que se segue à **risca** a **orientação** do **Superior Tribunal de Justiça**, ampla e **irrestritamente perfilhada** pelo **Tribunal Superior Eleitoral**.

Como exemplo emblemático, **transcrevo** a **ementa** do **Agravo Regimental em Agravo de Instrumento n. 8033- Curitiba/PR**, em **acórdão** de 26/08/2008, tendo como **Relator** o **Min. Marcelo Ribeiro**:

AGRAVO REGIMENTAL. AGRAVO DE INSTRUMENTO. RECURSO ESPECIAL. JANTAR. RESTAURANTE. DOAÇÃO. CAMPANHA. CARACTERIZAÇÃO. COMÍCIO. LOCAL FECHADO. INEXISTÊNCIA. VIOLAÇÃO. ART. 41-A DA LEI N. 9.504/97. AUSÊNCIA. INVASÃO DE COMPETÊNCIA. JUÍZO DE ADMISSIBILIDADE. INOCORRÊNCIA. DISSÍDIO JURISPRUDENCIAL. INVIABILIDADE. RECURSO ESPECIAL. DESPROVIDO.

1- Conforme já reiteradamente decidido por esta Corte, o exame pelo presidente de tribunal regional eleitoral de questões afetas ao mérito do recurso especial, por ocasião do juízo de admissibilidade, não implica invasão de competência do Tribunal Superior Eleitoral.

Há decisões, proferidas na quase totalidade dos Tribunais Eleitorais, em que os seus Presidentes, quando diante de recurso especial manejado com base no art. 276, I, do Código Eleitoral, chegam ao extremo de se pronunciar de forma direta, clara e expressa sobre o mérito, não tendo nem ao menos a preocupação de disfarçar a mescla entre o juízo de admissibilidade e o mérito recursal.

A Regra da Irrecorribilidade das Decisões da Justiça Eleitoral e a Exceção à Interposição do Recurso Especial

Aqui, na Justiça Eleitoral, é que minha preocupação se exacerba, até porque a regra é a irrecorribilidade das suas decisões no que pertine à inexistência de efeito suspensivo nos recursos de seus julgados, salvo as 2 hipóteses previstas no Código Eleitoral (arts. 72 e 216), abrindo-se exceção, justamente, para a eventual interposição do recurso especial. Tudo é no sentido de restringir ao máximo o uso do recurso especial, basta ver a orientação do Tribunal Superior Eleitoral, que é terminantemente contrária à adoção do princípio da fungibilidade recursal quando se trata de recurso especial.

O meu inconformismo é saber que o recurso especial, por sua natureza, não busca proteger diretamente um suposto direito do interessado, mas visa sobretudo manter hígida a própria ordem jurídica, razão por que não pode, a todo custo, ser impedido de subir à instância competente para o seu conhecimento e julgamento.

A justificativa que se dá para o exame do mérito do recurso especial, no âmbito da Justiça Eleitoral, é que as decisões são providen-

cialmente **fundamentadas, não tendo sentido a pura e simples remessa das razões de recurso** com as “**indefectíveis cautelas e homenagens de estilo**”, uma vez que, se assim for, a **autoridade competente** não se **desincumbe** a contento de **sua tarefa**.

Alega-se, ainda, que **não basta ao recorrente afirmar contrariedade à lei federal: é necessário demonstrar tal contrariedade e a triagem primeira deste pressuposto recursal** é missão, da mais alta responsabilidade, confiada à **Presidência dos Tribunais**.

Nada mais insustentável e injustificável. Repita-se: **qual a isenção do julgador que acabara de participar dessa decisão alvo do recurso especial**, mesmo que o **recorrente não** traga **elementos** consistentes que **comproven** a **contrariedade à legislação federal**? Desenganadamente, **nenhuma**.

Mudança de Procedimento no TRE-PI

Foi exatamente o **contrário quando passei a exercer a Presidência do TRE-PI**. No exercício do **juízo de admissibilidade dos recursos especiais**, circunscrevo-me a **analisar os requisitos formais gerais e especiais, sem atentar**, contudo, para o **objetivo maior da parte recorrente**, que cabe, exclusivamente, ao **Tribunal Superior**.

O que **entendo** é que, **se se quer barrar a todo custo a subida de recursos aos tribunais superiores** – que de fato estão assoberbados de trabalho –, **não é com a adoção de uma aberração procedimental que se vai conseguir**.

O que se tem presenciado é que **as recentes reformas processuais, com a adoção de instrumentos como a súmula vinculante, a lei dos recursos repetitivos e o instituto da repercussão geral**, têm ocasionado significativa **diminuição do número de processos no âmbito do Supremo Tribunal Federal**.

Tal **diminuição, pelos dados estatísticos fornecidos** pelo próprio **Supremo Tribunal Federal, chega** ao formidável **percentual de quase 40%**, isso quando **avaliado o ano de 2009**, graças, sobretudo, à eficácia do instituto da repercussão geral.

Reinserção do Instituto da Arguição de Relevância como Sucedâneo à Prática Atual

Existem, sim, **instrumentos mais efetivos para conter o volume de processos dirigidos às instâncias superiores**, e aqui sugiro, **já que esta-**

mos em tempos de reformas do Código de Processo Civil e do Código Eleitoral, que **se volte** a adotar o antigo instituto da “**arguição de relevância**”, **extinto** que fora **com** o advento da **Constituição Federal de 1988**.

À guisa de lembrança, **oportuno destacar** que o **instituto da arguição de relevância** representou **instrumento de controle** pelo **STF da interposição, conhecimento e julgamento do recurso extraordinário**, cujo **objetivo básico era fazer frente ao excesso de trabalho**, uma vez que **somente** os casos que envolvessem **questões federais de relevo** deveriam ser submetidos ao **julgamento** daquela **Corte Suprema**.

Sobre o tema, indispensável trazer a conhecimento a feliz **síntese** do **Min. Moreira Alves**, *verbis*:

(...) o **julgamento em tese da relevância**, ou não, da questão federal é antes ato político do que propriamente ato de prestação jurisdicional, e isso porque não se decide o caso concreto, mas apenas se verifica a existência, ou não, de um interesse que não é do recorrente, mas que é superior a ele, pois é o interesse federal de se possibilitar ao tribunal supremo do país a manifestação sobre a questão jurídica que é objeto daquele caso concreto, mas que transcende dele, pela importância jurídica, social, econômica ou política da questão mesma em julgamento, abstraídos os interesses concretos das partes litigantes. É, aliás, em virtude desse caráter político, advindo do julgamento em tese, que se explica e se justifica a circunstância de se admitir que arguição de relevância da questão federal seja acolhida ainda quando a maioria do Tribunal se manifeste pela sua rejeição, e desde que essa maioria se forme com o mínimo de quatro votos em 11 possíveis.

É de se registrar, aqui, que, **quando do início** da chamada **Reforma do Judiciário**, que teve **apogeu** no **início da década de 90** do século passado, **juristas de escol já se posicionavam a favor da reinserção da arguição de relevância** como **requisito à admissibilidade do recurso especial**, tal como acontece hoje com a **repercussão geral** no **recurso extraordinário**.

Aspectos Positivos que Autorizam a Reintrodução do Instituto da Arguição de Relevância no Sistema Jurídico Pátrio

Como **aspectos positivos** a serem invocados **em favor** da **reintrodução do instituto da arguição de relevância**, podemos elencar **os seguintes**:

- 1) **Formação de precedentes, que não seriam normativos nem vinculativos, mas que serviriam como verdadeiros orientadores das arguições de relevância** (tal entendimento é esposado pelo **Min. Victor Nunes Leal**).
- 2) **A apreciação da arguição de relevância poderia ser estendida aos presidentes dos tribunais locais, o que decerto desafogaria os Tribunais Superiores** (entendimento também do **Min. Victor Nunes Leal**).
- 3) **Se por um acaso as questões não forem consideradas relevantes no Tribunal Superior, nem por isso haveria denegação de justiça, pois as causas respectivas já teriam sido julgadas por outras Cortes, prevalecendo as decisões sem comprometimento da opinião do Tribunal Superior** (esta assertiva é de lavra de **Gueiros Leite**).
- 4) **Incremento da qualidade das decisões que são pronunciadas pelas cortes superiores, com a consequente racionalização e aperfeiçoamento da prestação jurisprudencial.**
- 5) **Serviria como instrumento de controle de interposição dos recursos dirigidos às cortes superiores, impossibilitando, portanto, que se abra a instância extraordinária a um grande número de feitos, como se neles a lei federal fosse irrelevante.**
- 6) **Se a decisão impugnada divergir de súmula da jurisprudência predominante dos tribunais superiores, a relevância estará implícita.**

Portanto, **diferentemente** do pensamento de alguns, que **consignam** as **desvantagens** que **poderiam advir com a volta do instituto da arguição de relevância**, não podemos jamais deixar de levar em consideração os **resultados práticos** que certamente viriam com a adoção de **rápida filtragem para os recursos dirigidos ao STJ e consequentemente ao TSE**, substituindo, com amplas vantagens, o **expediente que ora nos ocupamos**.

A Arguição de Relevância como Requisito de Admissibilidade do Recurso Especial no Âmbito da Justiça Eleitoral

Mas, que fique certo: para que haja a **necessária eficácia**, o **instituto** a que **nos referimos deverá integrar o rol dos requisitos de admissibilidade recursal**, mas desta feita como um **óbice legítimo ao conhecimento do recurso especial**, sem incorrer, pois, em grosseiro e injustificado atentado a clássicos e intangíveis conceitos da teoria geral do direito.

Não se está **aqui** na defesa **intransigente** e **inflexível** de um **formalismo estéril** e **contraproducente**, mas na **busca** da **proteção** e **segurança** de um **direito fundamental** insuprimível das partes, **traduzido** no mais amplo e irrestrito **acesso à prestação jurisdicional**.

Com estas singelas considerações, **aproveito** este **ensejo** para que **nós**, que escolhemos o **Direito** como razão de ser e de viver, **estabelecamos as sempre saudáveis discussões em torno de tema que**, apesar de **sedimentado jurisprudencialmente**, **está a merecer novos questionamentos**, para que se encaminhe **proposição** que restabeleça a **ordem natural das coisas**.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição Federal de 1988.

BRASIL. Código Eleitoral.

BRASIL. Código de Processo Civil.

BARBOSA MOREIRA, José Carlos. **Novo processo civil brasileiro** - exposição sistemática do procedimento. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

MARINONI, Luiz Guilherme. **Novas linhas do processo civil: o acesso à justiça e os institutos fundamentais do direito processual**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.

THEODORO JUNIOR, Humberto. **Curso de direito processual civil**, v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Forense, 2010.